

MARCELO LUBISCO LEÃES - CEPdePA

II CONCURSO DE ESTUDIANTES DR JORGE ROSA – VI CONGRESO FLAPPSIP MAYO 2011

Jorge, 39 anos, me fora encaminhado por uma colega psiquiatra. Ela, responsável pelo tratamento farmacológico e acompanhando-o com frequência de duas vezes ao mês, me contou um pouco sobre a história de vida de Jorge e que ele aceitava conversar comigo na contrapartida da presença dela. Aceitei. Na consulta, encontrei um paciente bem arrumado, com calça jeans e camisa social. Sua fala era embargada e lenta. Preciso no uso das palavras mas com uma entonação insegura, suspeita. Parecia, de certa maneira, distante daquilo que eu esperava a respeito de um sujeito psicótico como vinha habituado a trabalhar: com pacientes mais graves, com um intenso comprometimento psíquico e social, bem como autistas.

O caso que irei abordar nesse artigo, o qual durou pouco mais de um ano, já foi assunto de interesse nas discussões em espaços clínicos do Subjetivação - um Grupo de Estudo e Acompanhamento Terapêutico de Porto Alegre do qual participo desde sua fundação - e me desperta especial interesse, principalmente, por dois fatores: primeiro pelo fato de ter sido utilizado o espaço urbano como o local primordial da realização dos atendimentos e por ter utilizado como setting-modalidade inicial algo que, ainda que conhecido, acredito não ter sido suficientemente estudado e discutido no meio psicanalítico tradicional: a rua como um espaço clínico. Em segundo lugar, analiso a forma como a psicanálise mostrou-se útil na compreensão do caso de um homem cujo isolamento afetivo mostrava-se como um dos sintomas de um complexo modo de ser e estar no mundo.

A psiquiatra me informou com antecedência que o paciente gostava de caminhar e que era a única atividade que se sentia com disposição para fazer. Não surpreende o fato de que, é ajustado nessa condição da fruição das caminhadas que ele desempenhava seu trabalho.

Durante sua juventude, Jorge fora um desportista - narrara-me, no decorrer do tratamento, sobre seus treinamentos e suas viagens para competir - e fora multicampeão, defendendo o brasão do clube pelo qual competia. Jorge não desejava retomar uma atividade esportiva coletiva - como fazia antigamente - pois não se sentia apto para tanto. Em sua escolaridade, teve muitas dificuldades para terminar o ensino fundamental e ensino médio, o que conseguiu com muito esforço. Para concluí-los, teve que mudar de colégio algumas vezes. Ingressou na faculdade de Direito, a qual conseguiu concluir também com bastante dificuldade; entretanto, não obteve a aprovação no exame da Ordem dos Advogados do Brasil. Durante todo o tratamento, trabalhou desempenhando a função de levar e trazer processos do escritório de advocacia onde trabalhava.

Inicialmente, não ficava claro para mim quais poderiam ser as problemáticas acerca da complexa trama familiar na qual esteve inserido durante seu desenvolvimento. Algumas coisas apresentavam-se visíveis: a intensa preocupação com o cuidado e o envelhecimento sadio de sua mãe eram características marcantes. A

mãe também apresentava-se como uma pessoa invasiva e sufocante, incapaz de distanciar-se do filho sem angustiar-se com isso; uma mãe totalizante, para além de suficientemente boa e à qual me referirei mais adiante. Ao final de sua adolescência, seu pai faleceu. Essa perda foi uma experiência de grande repercussão em sua vida pois, alguns anos mais tarde, seus irmãos saíram de casa. A partir daí, passou a viver exclusivamente junto à sua mãe e já havia a situação inicial de sua enfermidade a qual narro em seguida. Conversava comigo, timidamente, sobre seu desejo por mulheres, sua sexualidade.

Ao início de sua vida adulta, teve um surto psicótico com crenças delirantes, que foi o fator preponderante para o seu isolamento social. Jorge foi se isolando mais e mais; costumava sair para caminhadas a esmo, nas quais percorria grandes distâncias, caminhava pela cidade e passava em frente aos lugares da boemia de sua cidade. No ápice das crenças delirantes, corria atrás dos carros. Havia relatos de agressão contra automóveis e de idéias com características paranóides. No que Jorge narrava sobre suas andanças noturnas, ia percebendo que não era estabelecido nenhum limite em sua deambulação. Andava, a esmo, sem parar em lugar nenhum, pelo prazer de caminhar e na condição que permitia o livre exercício desse andar em nossa sociedade contemporânea: sozinho.

Assim, pretendo aqui ocupar-me em refletir sobre o uso da prática esportiva como possibilidade de leitura e orientação da técnica do acompanhamento terapêutico com a convocação da psicanálise para ajudar a pensar.

O questionamento que emergia da reflexão de suas histórias pessoal, familiar e atual era o que seria possível frente a uma organização psíquica na qual o trânsito do afeto ocorria, aparentemente, cindido do representante-palavra; então, cabe indagar de que forma, pois, uma escuta do inconsciente poderia trazer benefício numa relação onde o acompanhamento terapêutico é convocado como uma modalidade de atendimento em saúde?

Quando iniciei o atendimento do paciente, fui até o consultório da psiquiatra para conhecê-lo, condição a qual ele colocara para conversar comigo. Não queria ir sozinho ao meu consultório. Conversamos brevemente, combinamos os dias de atendimento. Ali, pude explicar o que faríamos, e construímos, juntos, um plano de tratamento, buscando mapear o que despertava desejo em Jorge, visto que estabeleci inicialmente como meta o restabelecimento prático de Jorge, de sua capacidade de rendimento e uma fruição de sua relação com os objetos de modo menos psicótico. Visto que o acompanhamento terapêutico utiliza a rua como setting, como um espaço clínico e Jorge desejava retomar uma atividade esportiva, me pareceu claro que seu tratamento iniciaria da emergência de algo entre essas duas características. Ele vivia ultimamente restrito ao seu trabalho solitário e longos momentos fechado em casa dormindo. Ajudou o fato de não haver correlacionado a essa característica esquizoafetiva de isolamento nenhum tipo de fobia, o que nos permitia utilizar a rua enquanto campo de trabalho. Então, fizemos nossas combinações, esclareci algumas dúvidas e se viu como possibilidade de tratamento a prática de corridas no parque, atividade que unia seu desejo de caminhar e a possibilidade de uma visão-escuta clínica. Despedimo-nos.

Jorge, portanto, não sofria de uma fobia social. O que pôde ser observado foi seu isolamento afetivo, uma vez que costumava percorrer a rua - fosse através de seu trabalho ou à noite - mas evitava o contato com as pessoas ao seu redor. Sua subjetividade planava sobre o tecido social sem entrar em contato com este.

No primeiro atendimento de Jorge, fui até sua casa. Uma casa com um padrão de classe média-alta com todos os seus móveis estagnados, provavelmente desde o falecimento de seu pai. Quadros, pratas, madeiras finas talhadas tomavam forma de mesas e cadeiras. Os pequenos porta-retratos exibiam a foto dos familiares e também de seu falecido pai. Converso brevemente com sua mãe enquanto aguardo que ele desça do segundo andar da casa para ganharmos a rua. Ele chega, e cumprimentamo-nos. Jorge me aguarda em trajés de corrida, bastante empolgado. Assim sendo, saímos de sua casa e para nossa combinação inicial: correr ao redor do parque.

Estou acostumado à prática de esportes, mas fazia muito tempo que não corria; demos algumas voltas no parque: 12km. As dores musculares que sucederam a prática do esporte foram bastante intensas. Isso aconteceu na condição a qual nos propomos quando realizamos acompanhamento terapêutico, que é a de acompanhar o ritmo do nosso acompanhante em sua trajetória. Em contrapartida, podemos pensá-lo enquanto uma transferência peripatética, a partir de uma atenção flutuante no andar, sem foco absoluto. Nessa premissa, quase provoqueei uma lesão em mim. O próprio Jorge reconheceu a dor que sentira e conta que não havia conseguido ir ao trabalho nos dois dias subsequentes ao atendimento. Esse acontecimento me conduziu à reflexão sobre o potencial psicossomático do ser humano e a capacidade de fala do corpo. Da maneira como uma quantidade de afeto cindida de um representante-palavra pode custar caro ao nosso organismo. Essa quantidade de afeto sem representação, sem linguagem para que algum significado seja enlaçado a ele, descarrega essa quantidade no corpo, causando complicações gravíssimas ao nosso organismo nos casos mais extremos e indicando o potencial de expressão do ser humano. Também é possível ver o quanto a psicossomática tangencia o território da psicose, uma vez que se acredita que sua origem está nos períodos mais tenros de nosso desenvolvimento.

Em minhas saídas com Jorge, as conversas eram costumeiramente escassas e amenas, triviais: futebol, tempo e cotidiano. Além disso, vejo na repetição dos temas e das histórias a manifestação mais íntima e forte de suas defesas. No início, Jorge demonstrava uma grande preocupação em poder evidenciar-me sua normalidade, fato por mim associado ao seu tratamento psiquiátrico que, ao mesmo tempo que o ajudava, também se empenhava em orientar sua conduta em uma dicotomia certo versus errado, sem maiores reflexões do que se expressava em seus atos. A atividade física, comum a tantos sujeitos normais, denunciava, para mim, o quanto o corpo carregava consigo uma quantidade de angústia e de medo. E contra os quais ele organizara suas defesas.

Assim, utilizo a compreensão de que sua andança pela cidade, na modalidade de corrida, deveria contemplar um limiar, uma borda - a lesão mostrara de forma clara o quanto o corpo emitia sua exaustão psíquica, a qual ele parecia não reconhecer. Pagava no limite do corpo as exigências de seu psiquismo. Propus, a partir daí, uma saída programada: íamos caminhando até o parque, lá alongávamos, combinávamos o treino que incluía um alongamento final, e voltávamos caminhando desde o parque até sua casa. Com isso, eu castrava seu gozo até então interminável, e seu descontentamento era, claramente, manifestado.

Isso pôde inserir uma nova dimensão no atendimento. Sistemáticos, os assuntos passaram a ganhar maior aprofundamento. À medida que íamos ampliando o vínculo, iam multiplicando-se acontecimentos - no sentido estético que a cidade, enquanto campo da alteridade e da diferença, é capaz de proporcionar. Desfez-se, em certa medida, a exigência de correr ininterruptamente em volta do parque, uma característica obsessiva que se desvelava nas sessões. Jorge pôde encontrar amigos e amigas. Em uma sessão, encontrou um antigo amor e, caminhando uma volta a mais no parque de mãos dadas, voltou sorridente como eu nunca o vira. Ainda, alguns representantes da angústia puderam ser enunciados através da linguagem, como a morte do pai, a preocupação com a mãe, a preocupação com seu futuro e seu desenvolvimento, e reminiscências que remontavam à época de seu bisavô. Eu percebia, de forma clara, que desde o início do tratamento suas lembranças se aprofundavam e ganhavam um colorido afetivo especial, mesmo que um colorido opaco, tímido e possível dentro daquela subjetividade.

Jorge observava como essas saídas estavam sendo benéficas para seu sistema cardio-respiratório. Percebia que conseguia suar - as corridas valiam a pena para suar a camiseta - e que, por vezes, era possível dar algumas voltas a mais, outras vezes a menos. Ao meu ver, penso o suar a camiseta como esse grande dispêndio de energia que envolvia as sessões nas corridas e, também, o tipo de relação que se criou nas negociações sobre o limite do seu psiquismo e a frustração de seu desejo de ter que correr sempre mais.

Pude observar, desde o início, o quanto a mãe desse paciente, já suficientemente adulto e com condições para responsabilizar-se por seus desejos, interferia em suas decisões. Ainda que, de certa forma, o zelo e cuidado

da mãe em relação ao filho fossem admiráveis, eu percebia que também trazia obstáculos ao tratamento. Por vezes, ela me ligava querendo saber como estava o filho ou querendo me informar novidades a respeito dele ou até mesmo sugerindo uma programação às sessões que nós, na relação acompanhante-acompanhado-rua, íamos construindo. Em relação a isso, a escutava calmamente e sublinhava a importância desse tratamento se constituir como um campo de trabalho entre eu e Jorge, e que, se houvesse necessidade, gostaria de contar com a ajuda dela. Aos poucos, os telefonemas foram diminuindo, permitindo que meu trabalho com Jorge se desenvolvesse de forma mais satisfatória e com maior autonomia de sua mãe.

Os progressos que Jorge fazia eram satisfatórios. Certo dia, perguntou-me se eu sabia jogar tênis, o que eu respondi afirmativamente e, então, combinamos que nosso próximo atendimento envolveria jogar tênis em um espaço público da cidade. De novo, inseria-se uma outra dimensão no atendimento. Parecia-me que se estabelecia ali uma metáfora do complexo de Édipo. Eu colocava limites, frustrava suas tentativas de querer correr mais voltas do que combinávamos, praticava com um rigor vital o horário de encerramento do atendimento - que poderia durar horas a mais - e era notório seu descontentamento com algumas de minhas colocações.

Ao me propor o jogo de tênis, com um ar amistoso, entrávamos no campo da oposição. Esse esporte coloca os corpos na condição de adversários: compartilham regras, se desafiam. Tornara-se local também para frustrar-se com seus próprios erros, para vangloriar-se dos acertos, para incentivar boas jogadas. Nessa nova etapa dos atendimentos, estávamos no campo da rivalidade. A estrutura concreta da corrida (lado a lado, dialógica) estabelecia um contraste com a proposta competitiva do jogo de tênis (frente a frente, opositiva). Mostrava, também, que era possível uma relação harmoniosa nos períodos de aquecimento - nas quais os adversários não buscam fazer pontos, mas sim poder estabelecer um troca de bolas para aquecer a musculatura, sem perder a condição de rivalidade. Iniciava-se o jogo, e o objetivo de Jorge era vencer. Transparecia no teor dos nossos jogos o desejo de vitória e de superação do adversário. Nesses jogos, pôde ser descarregada grande quantidade de energia psíquica e afetiva. Chamo a atenção de que, no acompanhamento terapêutico, isso trazia uma implicação diretamente de saúde, tanto pelos benefícios que o esporte trazia ao corpo falante desse acompanhante, quanto pela questão metafórica de poder encenar comigo uma revivência edípica. Dessa forma, após o término da partida, podíamos conversar sobre momentos da partida, Jorge me perguntava algumas dúvidas sobre as regras do jogo e, aos poucos, relaxava após esse momento de tensão que eram os jogos de tênis.

Com a chegada do inverno, retomamos as corridas, que foram se tornando cada vez mais complicadas por conta do horário - que contava as primeiras horas da noite - e também do frio intenso que mostrava todo seu rigor a cada nova sessão. Certo dia, ele me convidou para um churrasco, no condomínio onde tinha um apartamento, mas não se via em condições de habitá-lo. Por diversas vezes, tentei utilizar a questão do apartamento como elemento terapêutico, sem qualquer possibilidade de concretização. Por vezes, essa possibilidade habitava o seu discurso, mas não enquanto uma chance real até aquele momento. Aceitei o convite, e assamos um churrasco no qual ele me contou momentos de sua vida mas, desta vez, com forte conteúdo afetivo, visto por mim como um passo importante no enlace entre o afeto e a palavra. Ainda que tenha tomado iniciativa de conseguir manter um relacionamento por alguns meses, ensaiava-se na vida sexual com outras mulheres novamente, pois, desde o surto psicótico e o agravamento do seu quadro clínico, ele se afastou de um convívio social e conjugal. Contava sobre as privações ao longo da vida - como distanciamento de amigos, da família e de uma namorada - e, claro, seu planejamento de cuidado e zelo pela mãe.

Então, desde a posição dialógica e, depois, de rivalidade, chegávamos à um lugar cujos contornos indicavam a possibilidade de uma alteridade provocada pelo discurso. Ainda que cautelosamente, ele ia abrindo seu leque de experiências para uma proposta estética de criação de vida. Fazia o reconhecimento do mundo exterior paulatinamente, experimentando o seu corpo na relação com a rua através da corrida, do tênis e, por fim, de um encontro cuja ferramenta não seria mais nossos tênis (na corrida), ou as raquetes (objeto fálico do

esporte), mas a palavra. Acredito que uma análise minuciosa de cada um desses momentos poderia trazer mais contribuições, mas me limito a tentar compartilhar o quanto a teoria e a técnica psicanalítica - desde seus primórdios até as formulações contemporâneas - têm a colaborar com valiosa importância um trabalho de acompanhamento terapêutico, cuja característica é pensar a rua como um espaço clínico e terapêutico.

Foi possível ver a potencialidade de fala do corpo na prática do acompanhamento terapêutico. A falta de uma borda, de um limite - típico do psicótico - ficara escancarada logo no primeiro atendimento - nas corridas. A rua e o oferecimento do corpo - proposta à qual eu me dispusera ao iniciar o tratamento - criaram a possibilidade de uma reencenação das vivências infantis e a repetição delas na relação com o fora, com o mundo, exercido através do ato e na relação comigo, visto que a dificuldade de comunicação através desse sofisticado sistema de códigos que é a linguagem mostrou-se inicialmente incapaz para dar conta de sua parcela afetiva.

Enfim, concluo que não se pode estabelecer como meta de tratamento outra coisa senão o restabelecimento prático do enfermo, a restauração de sua capacidade de rendimento e de gozo. Seja através da palavra dentro de nossos consultórios, seja através de uma organização menos sofisticada que a linguagem, que é o corpo em sua interação com a rua mas que, assim como a primeira, também fala. Cabe-nos estar atentos a que o acompanhamento terapêutico lança mão dessa estrutura fundamental que é o nosso corpo e que ele pode servir como um analisador das interrelações, utilizando um setting com potencial amplo tal como o espaço urbano e praticando uma escuta clínica a partir dos pressupostos psicanalíticos.

As contribuições e os desenvolvimentos que podem ser desenvolvidos, trago para um diálogo com vocês.